

Mulheres espanholas no exílio mexicano

Pilar Domínguez*

Tradução: Andrei Martin San Pablo Kotchergerko
Revisão de Cristina Scheibe Wolff

Resumo: Este trabalho é um estudo sobre a condição das mulheres espanholas exiladas no México desde a Guerra Civil Espanhola até a década de 1970 com o intuito de observar as suas trajetórias, os trabalhos exercidos e as atividades políticas realizadas. Para tanto, foram utilizadas diversas fontes como entrevistas, prontuários e boletins informativos, além de metodologia que contemplasse uma história comparativa entre a emigração espanhola de caráter político e mais contemporânea (exílio) e aquela de aspecto econômico, iniciada a partir do século XIX, mediante a observação de semelhanças e diferenças entre esses dois momentos distintos.

Palavras-chave: Mulheres - Guerra Civil Espanhola - Exílio

Tradicionalmente, o fenômeno do exílio político e a emigração por motivos econômicos têm sido abordados com metodologia e hipóteses de trabalhos diferenciadas; no entanto, nas investigações realizadas nos últimos anos, tem-se visto a necessidade de analisar esses fenômenos a partir de uma perspectiva global, levando-se em conta a existência de situações e problemas que são comuns a ambos. A inserção dos emigrantes ou emigrados na sociedade receptora, os problemas econômicos e as relações sociais que os recém chegados tiveram que confrontar são aspectos que afetam a ambos os tipos de migração e, portanto, requerem um enfoque unitário.

A utilização desta perspectiva global permite estabelecer uma série de analogias e diferenças em ambos os fenômenos, exílio e emigração, aplicados ao caso concreto dos espanhóis no México na primeira metade do século XX. Estes movimentos migratórios pertencem a um passado recente, ainda vivo, assim como se encontram vivos muitos dos homens e mulheres que os protagonizaram, na chamada “história do tempo presente”.

Abstract: This assignment is a study about the condition of the Spanish exiled women in Mexico since the Spanish Civil War until the seventies (decade from 1970). It intends to notice the trajectories of these women, their jobs and political activities. For this production many sources were used such as: interviews and news bulletin. Besides this, it was used a methodology which considers a comparative history between the Spanish emigration under its political aspect and the Spanish emigration under its economic aspect (which beginning is since the 19th century). Through this methodology, it was possible to notice similarities and differences between these two different moments.

Key-words: Women, Spanish Civil War, Exile.

1. Fontes para o estudo do exílio espanhol no México.

A proximidade do tempo do objeto da investigação possibilita o uso de novas e variadas fontes e uma metodologia em comum com outras Ciências Sociais. Uma delas é a utilização de entrevistas em profundidade que são chamadas, pelos historiadores, de testemunhos orais.

No caso do exílio no México, a riqueza dos testemunhos orais, e também escritos, é enorme. Este fato me possibilitou a realização, no México D.F. e na Espanha, de 28 entrevistas pessoais de mulheres protagonistas do exílio, de diversas idades e ocupações.

No México D.F. criou-se o “Arquivo da Palavra”, um interessante arquivo oral sobre os refugiados espanhóis, com mais de 100 testemunhos orais recolhidos desde finais dos anos 70, de homens e mulheres do exílio¹, muito dos quais já morreram.

Os relatos orais permitem o conhecimento do passado recente sob uma perspectiva individual e pessoal. As entrevistas semiestruturadas, delineadas

* Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. E-mail: dominguezprats@gmail.com.

¹ Deste arquivo oral foram consultadas 20 entrevistas a mulheres e 6 a homens. Entrevistas conservadas no Centro Documental da Memória Histórica, Salamanca, Espanha.

como histórias de vida, são básicas para conhecer as características individuais das exiladas e proporcionam uma rica informação sobre sua trajetória de vida, assim como a da sua família. Desta forma, pudemos averiguar qual era sua origem social, sua educação, profissão, os motivos concretos que os impulsionaram a abandonar a Espanha, e como foi a sua inserção no novo país.

As entrevistas em profundidade proporcionam informações sobre a vida das mulheres da “maioria”, fora da elite política e intelectual, mulheres que não são as que encontramos na imprensa e nem nos programas de rádio, e que também não publicaram suas memórias da guerra ou do exílio.

Outras fontes privilegiadas para conhecer esse tempo presente são as fotografias. Os documentos gráficos, especificamente a coleção de fotos do arquivo “Hermanos Mayo”, tem uma grande densidade informativa sobre o que foi o exílio espanhol no México. O grupo “Hermanos Mayo” foi formado por três repórteres gráficos espanhóis: Francisco e Julio Souza e Faustino del Castilho. Eles tinham trabalhado durante a Guerra Civil a serviço da imprensa do Governo Republicano e continuaram suas tarefas como jornalistas fotográficos no exílio. Nos anos quarenta, exerceram suas profissões junto às organizações de ajuda ao exílio espanhol que funcionavam no México. Suas simpatias políticas os levaram a colaborar especialmente com o SERE (Servicio de Evacuación de los Refugiados Españoles) e com o seu Comitê Técnico, a CTARE, publicando numerosas fotos no *Boletín al Servicio de la Emigración Española* que este Comitê editava. Posteriormente colaboraram com o governo da República no exílio.

Suas imagens dos homens, mulheres e crianças chegados ao México, têm um grande poder de informação. São deles também as fotos da viagem no navio “Sinaia”, em junho de 1939 e a sua chegada ao porto de Veracruz, as imagens do Instituto Luis Vives e do Colégio Madri com meninos e meninas juntos na sala de aula, a lembrança dos atos culturais e de denúncia política organizados por parte dos refugiados, as fotos do trabalho de costura das exiladas, etc.

As imagens possuem também uma grande

capacidade evocadora de lembranças, que potencializam a memória oral, como disse Joutard, tornando possível a sua utilização em conjunto com as entrevistas, enriquecendo o testemunho oral.

2. Aproximação quantitativa do exílio espanhol no México

O número de mulheres exiladas que saíram da Espanha depois da derrota republicana na Guerra Civil, na maioria acompanhando seus familiares, compôs a maior migração feminina da nossa história contemporânea. Somente por isso seria necessário ocupar-nos de suas experiências nesta longa viagem, que as levou primeiramente para França, a grande maioria, e depois ao México.

No entanto, os números do conjunto do exílio espanhol no México, discriminados por Dolores Plá, mostram um número relativamente pequeno; chegaram ao México, entre 1936 e 1950, cerca de 24 mil refugiados de um total de 162 mil indivíduos que se encontravam na França. Desta maneira, os exilados que chegaram ao México representavam apenas 14,81% do total de indivíduos que saíram da Espanha entre os anos de 1936 e 1939, e uma proporção muito menor em relação ao conjunto da população mexicana dos anos 40, apenas 0,15% do total.

A significação do coletivo espanhol neste país americano foi mais qualitativa do que quantitativa, pois desde a independência, os espanhóis ocuparam importantes nichos econômicos dentro da indústria e comércio². Os profissionais e intelectuais republicanos, especialmente os homens, foram a “cabeça visível” desta emigração, mesmo não constituindo sua maioria.

Ao tratar-se de uma emigração por razões políticas, famílias inteiras saíram do país, incluindo mulheres e crianças. Os dados sobre este êxodo são proporcionados por fontes escritas, sendo compostas de 7 mil prontuários pessoais de exilados espanhóis chefes de famílias, pertencentes a outra organização do exílio, a Junta de Ayuda a los Republicanos Españoles (JARE)³. A partir de uma amostra estatística baseada nos documentos, foi possível quantificar o total de exiladas: 8 mil, 40% do total dos

²LIDA, Clara. *Inmigración y exilio. Reflexiones sobre el caso español*. México, Siglo XXI, 1997.

³PLA, Dolores. “Características del exilio español en México en 1939” em LIDA, Clara (comp) *Una inmigración privilegiada. Comerciantes, empresarios y profesionales españoles en México*. Madrid, Alianza, 1994, pp. 218-231. Utiliza os expedientes da outra organização do exílio, o SERE (Servicio de Evacuación de los Republicanos Españoles), chega a umas cifras parecidas, 24.000 exiliados espanhóis adultos chegados entre 1936 e 1947.

refugiados adultos, durante o período entre os anos de 1939 e 1949; desta forma, destaca-se a importância quantitativa das mulheres na emigração espanhola ao México.

Ao analisar os prontuários, percebe-se a predominância das famílias extensas, formadas por diferentes graus de parentesco que configuram grupos muito heterogêneos. Frequentemente, as famílias estavam incompletas, pois primeiro chegavam os homens, mais expostos à repressão política, seguidos das mulheres e dos filhos. O exílio também propiciou o aparecimento de novos casais e grupos familiares, unidos frente aos desastres da guerra.

Em comparação com a emigração econômica ao México, que produziu uma pequena, porém constante vinda de espanhóis desde o século XIX, os números nos mostram que a presença de mulheres espanholas aumentou percentualmente no país devido ao exílio. Em 1936, havia, entre a população espanhola residente no México, uma grande desproporção entre o número de homens e mulheres, a favor dos primeiros, que eram 87,7% do total e as mulheres míseros 12,5%; só chegavam a ser 23,3% nas faixas etárias mais jovens entre 15 e 19 anos⁴. Como já se disse, na emigração econômica predominaram os jovens solteiros, que buscavam abrir caminho na América. A nova imigração teve traços bastante diversos da onda migratória que a precedeu.

3. Características do coletivo feminino exilado e sua relação com a antiga colônia espanhola.

O exílio no México reuniu mulheres de diversas condições sociais, ocupação e estado civil, que tinham vivido de maneiras muito diferentes a experiência traumática da guerra: algumas eram mães de família cujos maridos ocuparam cargos de responsabilidade política, outras haviam participado da luta e possuíam atividades profissionais e políticas de destaque na Espanha, como as 3 deputadas das Cortes Republicanas, Margarita Nelken, Matilde de la Torre e Veneranda García Manzano, ou ainda, valiosas intelectuais e políticas como Isabel de Palencia, Matilda Cantos, Belén Sárraga, María Enciso e

Mercedes Pinto, além de outras que também se exilaram no México.

Desta forma é difícil falar de um coletivo feminino no exílio, como um conjunto homogêneo, um sujeito coerente dotado de uma identidade de gênero clara; pelo contrário, temos que levar em conta que ao falar das mulheres, nos referimos a um sujeito plural, com várias identidades em função das diferenças entre as próprias mulheres. As características deste conjunto podem ser analisadas de acordo com as variáveis: idade, estado civil, origem social e lugar de procedência⁵.

Chegavam ao México, jovens mulheres que estavam iniciando sua vida profissional em 1936 e mulheres maduras, já casadas e com filhos. O grupo de idade mais numeroso eram as jovens entre 25 a 40 anos, correspondendo a 53% do total. Estes dados mostram uma diferença notável em relação à emigração econômica, que era formada por menos mulheres e muito mais jovens, que eram solteiras nessa idade.

No exílio, no entanto, predominavam as mulheres casadas, seguidas pelas viúvas; a pesquisa mostra uma alta porcentagem de viúvas, 23%, não apenas como consequência direta da guerra, mas porque aparecem em maior número nos prontuários pessoais da JARE, do que as solteiras que não eram chefes de família. A situação das viúvas com filhos pequenos era bastante precária, trabalhando nos serviços mais duros e com a pior remuneração, como serventes, cozinheiras ou babás.

A presença das mulheres separadas é significativa nos primeiros anos do exílio, compondo 3% do total da amostra. Tratava-se, em sua maioria, de separações forçadas, devido à guerra e ao exílio, mulheres que tinham deixado seus maridos nas prisões da Espanha, na França ou norte da África e um número menor de divorciadas.

O nível educativo das exiladas era mais elevado que o do conjunto das espanholas, pois a maioria, formada pelo grupo das donas de casa, sabia ler e escrever, mesmo assim era baixo em comparação aos seus homólogos masculinos (apenas 1% era analfabeto). As operárias da indústria (em especial a têxtil) e dos serviços, também não eram qualificadas, pois tinham

⁴Ibidem.

⁵Os dados se referem à década de 40. Cf. DOMÍNGUEZ, Pilar. *De Ciudadanas a Exiliadas. Un estudio sobre las republicanas españolas en México*. Madrid, Ed. Cinca, 2009.

somente completado o ensino fundamental. Somente algumas profissionais como as secretárias, as enfermeiras e as professoras tinham completado o ensino médio. As mulheres com uma carreira universitária e as que podiam se classificar como intelectuais ou artistas eram muito poucas, mas formavam parte da minoria ilustrada do país, tornando sua ausência na Espanha e presença no México, muito relevante. Como dizia Mercedes Roing, referindo-se ao conjunto das exiladas:

Nossas melhores mulheres se foram, pioneiras, com ou sem consciência, dos contemporâneos movimentos de liberação da mulher. Profissionais, estudantes, camponesas e operárias que nos transmitiram o perfume da liberdade e a solidez de suas esperanças. Mulheres que tiveram que adaptar o processo político a suas vidas pessoais, que tiveram que se descobrir a si mesmas durante os três anos da guerracivil. Elas tiveram que levantar a cortina de ferro da arrogância do macho espanhol e perceber que com essa atitude começavam, justamente a criar seu autentico lugar no mundo⁶.

Este tipo de mulheres ilustradas é o mais característico do exílio. Mulheres como Isabel de Palencia, Margarita Nelken, Matilde de la Torre, Ernestina de Champourcin. Torna-se clara uma diferença fundamental com a emigração tradicional, em que as mulheres forçadas a emigrar provinham do campesinato mais pobre do país, perto dos portos de Cantábrego, em Astúrias e Santander, quando a maioria da população espanhola, principalmente as mulheres, eram analfabetas. As exiladas, pelo contrário, que tinham vivido em um ambiente politizado, provinham das classes médias urbanas e muito raramente do mundo rural. Os lugares de procedência do exílio de 1939 estavam mais repartidos pela geografia espanhola e eram regiões mais urbanizadas: Cataluña 22,4 %, Madrid e Castilla la Nueva 20,6 %, Andalucía 11,4%, País Vasco 6,7%, Aragón 6%, Castilla la Vieja 6,2%, Comunidad Valenciana 5,7%; Astúrias, que havia tido o predomínio da emigração tradicional, apenas aportou 5,6% dos exilados⁷.

Mesmo que os lugares de origem dos coletivos de espanhóis no México, os imigrantes econômicos e os exilados políticos, difiram bastante entre si, não é assim em relação a seus pontos de destino no México. Os imigrantes espanhóis se dirigiram de preferência para as cidades, em especial a capital, México D.F., Puebla e Veracruz, pois ali estavam as maiores oportunidades de trabalho. Tradicionalmente, os espanhóis residentes no México se dedicavam às atividades urbanas, como a indústria e o comércio. Desta forma, o encontro de ambos os grupos de espanhóis teve que acontecer.

Desde a chegada, os exilados quiseram distinguir-se, claramente, da antiga colônia espanhola. De fato, os intelectuais espanhóis se identificavam mais com seus homólogos europeus que como os imigrantes tradicionais; as causas políticas de seu êxodo os aproximavam da imigração européia que estava chegando ao México em função da Guerra Mundial, em busca de um refúgio de liberdades.

Esse discurso era expresso em publicações do coletivo exilado, dirigidas em sua maioria por intelectuais. O “Boletín al Servicio de la emigración española del SERE”⁸, em um artigo intitulado significativamente: “Emigrantes y emigrados”, manifestava um grande interesse em distanciar-se dos espanhóis da antiga colônia, chamados depreciativamente de “gachupines” no México.

A realidade, que aparece mais evidente nas entrevistas pessoais, foi que muitos homens e mulheres refugiados se puseram em contato com seus conterrâneos emigrantes na hora de encontrar alojamentos ou um trabalho em seu novo país. A exceção foram os intelectuais e profissionais, alguns dos quais foram contratados pela Casa de España ou pelas instituições espanholas no exílio.

Uma mulher tão representativa na Espanha republicana, como a deputada socialista por Astúrias, Veneranda García Manzano, contava em sua entrevista⁹ que recebeu ajuda material, por parte de um emigrante abastado, também asturiano e como, nos primeiros meses do ano de 1939 no México, ela e seus dois filhos freqüentavam o Centro Asturiano, instituição criada pela antiga colônia espanhola, que

⁶ROIG, Mercedes: “La mujer en el exilio” en *¿Tiempo de Mujer?*, Barcelona, Destino, 1978, pag. 210.

⁷Cf. PLA, Dolores. Op.Cit.

⁸“Boletín al Servicio de la Emigración Española” n°4, pag. 1, 7 septiembre de 1939, México D.F.

⁹Veneranda García Manzano, nacida en 1893, fue entrevistada en 1980, por Elena Aub. Entrevista conservada no Centro Documental de la Memoria Histórica, Salamanca.

soube acolher seus compatriotas exilados.

Existem muitas anedotas deste tipo nos testemunhos orais, contadas pelas exiladas provenientes de Cantabria, Astúrias e Cataluña, que foram as que mais tiveram contatos com os antigos residentes originários de sua mesma cidade. Como vemos, os laços étnicos, entre espanhóis, foram muitas vezes mais fortes que as diferenças políticas entre os refugiados “rojos” (vermelhos – comunistas) e os antigos residentes, em sua maioria franquistas.

Na medida em que passaram os anos, a aproximação foi ficando maior e, em muitos casos se fizeram matrimônios entre os imigrantes e os exilados; neste sentido, pode-se dizer que, no exílio, persiste a endogamia de segunda geração, ou seja, o matrimônio com filhos e filhas de espanhóis, nascidos já no México. Esta era uma das características do coletivo espanhol no México.

3. O trabalho remunerado das mulheres exiladas no México.

Uma das mudanças fundamentais na vida das exiladas foi a sua incorporação massiva ao trabalho remunerado, embora as diferenças de idade, estado civil e qualificação, dentro do próprio coletivo feminino, tenham ocasionado variações quanto ao trabalho. Cabe destacar, em primeiro lugar, uma maioria, dedicada anteriormente às tarefas domésticas e a criar seus filhos, que se viram obrigadas ao chegar ao México a conciliar o trabalho de dona de casa, com a atividade laboral. Por outro lado, existia uma minoria de profissionais e intelectuais que, muitas vezes, tiveram que trabalhar em atividades como a de costura ou tarefas de baixa qualificação, mesmo que sua formação fosse mais completa (caso de Dolores Ros ou Matilde Cantos) e somente uma pequena parte entre estas profissionais puderam continuar se dedicando as suas antigas profissões de professoras, escritoras, jornalistas (por exemplo, Mercedes Pinto). Por isso aparecem muito poucas mulheres nas longas listas de intelectuais e profissionais destacados no exílio espanhol.

Nos primeiros anos do exílio era difícil, tanto para o homem quanto para a mulher, encontrar um trabalho adequado. Em muitas ocasiões – segundo

atestam as entrevistas – as donas de casa conseguiam um trabalho antes que os homens, com o conseqüente desgosto do chefe de família, que não podia cumprir seu papel de “provedor” de recursos.

A chave do êxito feminino na hora de conseguir trabalho foi a habilidade das refugiadas espanholas com a agulha, que provinha da educação tradicional da menina espanhola, formada para ser uma boa mãe e esposa.

O trabalho de confecção em domicílio se converteu na atividade de trabalho mais generalizada entre as exiladas espanholas, mulheres de quaisquer condições sociais se dedicavam a costurar em casa para as lojas de confecção e grandes magazines da cidade do México. Desde a viúva do presidente Azaña, Dolores Rivas Cherif, a qual, segundo o testemunho de outra exilada¹⁰, se reunia com suas amigas para fazer luvas de crochê para vendê-los nos grandes magazines do Palácio de Ferro, até as mais humildes refugiadas, costuravam em domicílio por encomenda.

Nesse contexto, as relações de ajuda mútua entre as mulheres adquiriram grande importância. Frequentemente, as exiladas de uma mesma cidade ou de uma mesma organização política faziam juntas os trabalhos de costura, e inclusive alguns casais dividiam a mesma casa para economizar dinheiro, nos primeiros anos na cidade do México. A existência dessas redes de relações pessoais entre as mulheres, como uma forma de solidariedade mútua, abrangeu muito outros aspectos da vida no exílio e é um ponto em comum com outras migrações.

No início, os trabalhos de costura eram feitos à mão, como os lingerie, as rendas e o famoso bordado “ninho de abelha”, especialidade das costureiras espanholas. Posteriormente, a JARE concedeu empréstimos para comprar a máquina de costura a prazo a muitas exiladas que solicitavam, de maneira que já podiam confeccionar peças de maior complexidade e de melhor remuneradas. Inclusive algumas mulheres chegaram a montar suas próprias oficinas de costura empregando jovens mexicanas.

A costura em domicílio era um trabalho bem visto entre os exilados, devido a sua fácil adaptação ao trabalho doméstico. As instituições do exílio eram fortes partidárias da tradicional divisão do trabalho segundo o gênero.

¹⁰Testemunho de Cecilia Guilarte, nascida em Tolosa em 1915, entrevistada em 1984 por Pilar Domínguez.

Mesmo com valorização positiva da costura em domicílio feita pelos exilados, muitas mulheres falavam “daquela odisséia de costura”, da qual estavam fartas, pelas longas jornadas de trabalho que comprometiam os seus olhos e a coluna, em troca de uma remuneração muito escassa. Conseqüentemente, quando a família conseguia outra fonte de renda bem remunerada ou elas conseguiam um trabalho melhor, abandonavam a costura a em domicílio. Isso ocorreu ao longo dos anos cinquenta.

A consideração social das diferentes atividades remuneradas que as mulheres podiam exercer era um fator importante a ser considerado na hora de se dispor a trabalhar. As entrevistas proporcionam uma rica informação a esse respeito; por exemplo, uma exilada que se dedicou muito tempo a costurar a domicílio, comentava o seguinte: “Tinha outros trabalhos com os quais muitas mulheres podiam tornar-se ricas: montar um restaurante ou uma pensão, mas não era bem visto, era para mulheres humildes. Ser professora, trabalhar em uma oficina ou costurar, era bem melhor visto”¹¹.

Apesar de não gozar de tão boa reputação como a costura, muitas mulheres exiladas das classes mais humildes continuaram com as atividades que desenvolveram os “gachupines” no México. Nos prontuários pessoais do JARE, mais que nas entrevistas, aparecem numerosos casos de mulheres dispostas a colocar uma casa de hóspedes em suas próprias casas, aproveitando a possibilidade de acolher os refugiados que iam chegando de Cuba ou França, durante os anos da guerra mundial e que, em sua maioria, se instalavam na capital.

A abertura de pequenos comércios, outra ocupação típica do espanhol imigrante, teve mais êxito econômico que as casas de hóspedes. Numerosas entrevistadas falavam de seu trabalho nas mercearias ou em papelarias, onde trabalhavam longas jornadas no negócio familiar gerenciado, geralmente, pelo chefe da família.

Muitos destes comércios, que haviam sido comprados graças aos empréstimos oferecidos pela JARE ou de algum conhecido, prosperaram de forma clara, com a conseqüente ascensão econômica dos exilados, mais visível anos cinquenta.

Portanto, as atividades que gozavam de menor prestígio social, eram as que tinham sido exercidos tradicionalmente pelas mulheres imigrantes na América: gerenciar um comércio, uma casa de hóspedes ou um restaurante. No entanto, a dedicação ao serviço doméstico que havia sido majoritária entre as emigrantes espanholas a Cuba e ao Rio da Prata, tinha pouca tradição entre as imigrantes chegadas ao México, talvez porque esse setor estava ocupado pela mão de obra indígena e no México os imigrantes espanhóis tinham uma posição mais elevada dentro da estrutura econômica do país¹². No terreno ocupacional, o caso do México é bastante peculiar, já que inclusive no exílio na França, as mulheres tiveram que se empregar no serviço doméstico¹³.

4. As professoras e a cultura republicana.

O aspecto mais específico do exílio, que o distingue com clareza da emigração econômica, foi a dedicação de parte do coletivo às atividades intelectuais, profissionais e políticas.

As mulheres que pertenciam a esta minoria ativa eram em menor quantidade que os homens. Tratava-se de mulheres que haviam tido uma intensa vida profissional e muitas vezes uma militância política, já antes da República. Em geral chegaram ao México numa idade madura (35 a 40 anos) e sem filhos pequenos de quem cuidar. Um grupo significativo destas mulheres eram catalãs (lembremos que vinha de lá quase um quarto do total de emigrantes), e procediam da classe média urbana. Apesar destas dificuldades de adaptação ao novo país, trataram de combinar seu trabalho profissional com a atividade política.

Entre as profissionais se destacavam as professoras, pela grande transcendência social de seu trabalho educativo e de salvaguarda da identidade cultural espanhola no exílio. Além disso, muitas dessas profissionais foram membros ativos da política no exílio.

Durante a República, grande parte do magistério levou sua experiência docente às novas escolas que foram criadas e também trabalhou voluntariamente nas colônias de crianças refugiadas da guerra civil.

¹¹Testemunho de Dolores P. Noguera, nascida em Fortiá em 1915, entrevistada em 1989 por P. Dominguez.

¹²CAGIAO, Pilar. “*Muller e emigración*”. Santiago de Compostela, Eds. Xunta de Galicia, 1991.

¹³Cf. BUSSY GENEVOIS, Danielle. “Femmes en mouvement, remarques sur les espagnoles” em “*Exils et Migrations ibériques au XX siècle*.. Paris 1996, pp. 119-128.

Como consequência da derrota republicana, houve um grande número de professores que sofreram repressão pelo franquismo, e foram presos ou retirados e afastados da profissão. Somente os que puderam ir para o exílio nos países de língua hispânica, tiveram a oportunidade de seguir educando as novas gerações, com as pautas culturais herdadas da República.

No México, com os fundos do SERE e depois com os da JARE, criaram-se colégios para acolher as crianças espanholas: o Instituto Luis Vives, a Academia Hispano-Mexicana e o Colégio Madrid, feitos à imagem daqueles que funcionaram na República, como o Instituto Escuela de Madrid ou o Instituto Salmerón de Barcelona.

A generosidade do governo mexicano que permitiu aos exilados, e neste caso aos professores, exercerem livremente sua profissão fez possíveis essas iniciativas educativas. Desta maneira, as escolas foram parte importante da contribuição cultural do exílio para o México, pois – nas palavras de Adolfo Sánchez Vázquez – “nos anos de obscurantismo (na Espanha), o exílio representou a continuidade da cultura espanhola ao permitir frutificar aqui o que na Espanha estava sendo sufocado”¹⁴.

O Instituto Luis Vives, contava entre seus primeiros professores, destacados intelectuais, como Rubén Landa, Joaquín Xirau, Marcelo Santaló, etc, mais um grupo importante de professoras que procediam também das escolas públicas republicanas: Enriqueta Ortega, Juana Ontañón, Estrella Cortichs, etc. Elas se mantiveram nas escolas do exílio por um longo período, embora tenham passado de uma a outra. No entanto estes professores deixaram a escola em pouco tempo e alguns passaram a ser figuras-chaves do exílio intelectual espanhol no México. Este é um exemplo claro da influência do gênero na trajetória trabalhista das mulheres, que ficaram à margem da ascensão sócio-profissional de seus homólogos masculinos.

A outra grande escola do exílio foi o Colégio Madrid, criado pela JARE em 1940. No Madrid trabalharam destacadas profissionais do ensino: Angeles Gómez Blasco, Juan Salto, Elena Martínez,

María Leal, e, posteriormente, incorporaram Juan Just, Pilar Vallés e Pilar Trueta.

Ambas as escolas tinham em comum seu interesse de manter viva no exílio, a cultura republicana espanhola e basear-se na co-educação, um dos pilares do sistema escolar republicano.

Maria Leal, uma das professoras mais veteranas do Colégio Madrid, dizia que entre os objetivos principais da educação no exílio, estava manter as crianças em um ambiente familiar e de “fomentar o amor à Espanha”¹⁵. Isto se cumpria durante a jornada escolar e no Instituto Luis Vives, com a implantação da chamada “Hora de España”. Ali os alunos aprendiam história, geografia e literatura espanhola, com professores que, às vezes, eram dos mesmos lugares de seus pais. A celebração das comemorações políticas republicanas, em 14 de Abril, em 7 de Novembro (defesa de Madrid, festa do Colégio Madrid) completava as atividades dos colégios espanhóis no México.

A preservação da cultura espanhola, um dos objetivos destas escolas de que se mostravam orgulhosos muitos intelectuais do exílio e a maioria dos estudantes desses colégios, é um ponto controverso por parte das outras exiladas. A acentuação da “espanholidade” nos filhos dos refugiados, que se evidenciava na fala (o uso do “c” castelhano), trouxe consigo algumas dificuldades de adaptação à sociedade mexicana e problemas de identidade nestes jovens refugiados, que não sabiam se se sentiam espanhóis ou mexicanos¹⁶.

A esperança de um rápido retorno à pátria perdida, que o coletivo exilado manteve firme durante os anos quarenta, era o que impulsionava a realização destas atividades nas escolas; tratava-se de educar com o objetivo de preparar os filhos dos refugiados para sua volta à Espanha, que poderia acontecer a qualquer momento.

Com respeito à valorização de seu trabalho, em geral, era muito mais positiva que em outras ocupações. As professoras entrevistadas se mostravam orgulhosas do trabalho educativo que tinham desenvolvido. Algumas lembravam das dificuldades dos primeiros anos, quando tiveram que

¹⁴SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. “Palabras al develarse la placa conmemorativa del 50 aniversario del exilio español en México” en *Recuerdos y reflexiones del exilio*, Barcelona, GEXEL, 1997, pag. 42.

¹⁵Testemunho de María Leal, nascida em Huelva em 1930, entrevistada em 1989. P. Domínguez.

¹⁶Mercedes Pascual, nascida em Madrid em 1930 (entrevistada em 1989), contava que, a hora se dedicasse à interpretação teatral, teve que mudar seu sotaque espanhol, aprendendo em casa e reforçando na escola.

conciliar a escola com a costura em domicílio e, é claro, com as tarefas domésticas.

Entre as profissionais vinculadas aos centros de ensino deve-se resgatar do esquecimento, Rosa Poy, odontóloga e professora catalã, que trabalhou como dentista no Colégio Madrid (este trabalho apareceu documentado graficamente pelos “Hermanos Mayo” em uma foto de 1946). Ela tinha sido uma feminista ativa, membro da Esquerda Republicana de Catalunya e também delegada dos comitês Cuáqueros (Comunidade Quaker) de ajuda aos refugiados espanhóis na França, de onde chegou ao México em 1942. Foi uma das mulheres que participaram da criação do grupo “Mariana Pineda”, como veremos a seguir.

5. Atividade política.

A imagem dos exilados, durante os anos quarenta, com a mala preparada para o regresso, pensando que o exílio seria algo temporário, foi transformada em algo comum. Mesmo assim, a idéia de exílio provisório não deixa de estar certa; isso consiste em uma diferença chave em relação à emigração econômica: os antigos residentes, geralmente, não estavam desejando voltar a uma terra da qual haviam saído voluntariamente e que não lhes negava o regresso, como ocorria com os refugiados espanhóis.

Por isso, muitos exilados viviam com os pensamentos na Espanha e estavam dispostos a contribuir com suas ações políticas a libertá-la do regime franquista. Estas expectativas políticas se tornaram mais reais com a derrota do Eixo e do fascismo a nível internacional em 1945 e aglutinaram até a década de 50, os homens e mulheres do exílio. As sanções impostas sobre o regime de Franco em 1946 por parte da ONU, em São Francisco, criaram grandes ilusões de mudanças aos exilados, ainda que por pouco tempo, pois foram eliminadas em 1950.

A reconstrução das instituições republicanas no exílio, com a formação do governo Giral em 1945 e a convocatória das Cortes espanholas na cidade do México, foi um ponto culminante. Nestas primeiras sessões das Cortes no exílio, que reuniram 95 deputados, participou apenas uma deputada,

Margarita Nelken, tendo um papel bastante ativo, opondo-se às posições da maioria¹⁷.

Junto a sua participação, nestas iniciativas, as organizações específicas de mulheres exiladas foi o principal elemento aglutinador das inquietudes políticas, principalmente o grupo Maria Pineda e a Unión de Mujeres Españolas (UME), que absorveu a anterior em 1946.

O mérito e a importância da UME não foi o grande número de suas associadas (que alcançou a cifra máxima de quinhentas), e sim a continuidade e a perseverança em seus objetivos solidários ao longo dos trinta anos de exílio, dos anos quarenta aos anos setenta.

O primeiro grupo que aparece documentado em 1943 foi o “Grupo Femenino Español Mariana Pineda”, constituído por um coletivo de mulheres republicanas, como um órgão de ajuda a seus compatriotas presos na Espanha. Era formado, em suas origens, por mulheres que trabalhavam em suas casas, pouco conhecidas na política (não como seus maridos); elas eram: Josefina Callao, Justa Pujol, Magdalena Carrasco, Carman Puche e Rafaela Camoín. Também havia entre elas uma dirigente socialista, Matilde Cantos e de outras formações políticas, por exemplo, Rosa Poy, da Esquerda Republicana. Pode-se dizer que, nestes anos, o grupo Mariana Pineda foi uma organização unitária, aberta a todas as tendências políticas.

Desde o começo, o grupo orientou seus esforços para a solidariedade com os presos e presas espanholas. As “marianas” – como eram conhecidas no México – organizavam atos beneficentes e todo o tipo de atividades para arrecadarem fundos, para ajudar os presos do franquismo. As primeiras tentativas de envio de dinheiro para as prisões espanholas foram feitas através dos Cuáqueros (Quaker) em 1943 e 1944, mas as comunicações e as relações com a Europa eram muito difíceis de se manter em plena guerra mundial, de modo que até 1946 não se desenvolveu contato permanente entre o México e as prisões espanholas, conectadas sempre através de Paris.

No México se exilou um forte grupo de mulheres que tinham pertencido à Agrupación de Mujeres Antifascistas (AMA). Eram profissionais e políticas

¹⁷Matilde de la Torre, a outra deputada não pôde comparecer às reuniões por problemas de saúde que foram se agravando. M. de Lá Torre morreu em 1946, sobre as duas deputadas: Cf. DOMINGUEZ, Pilar. Op. Cit.

destacadas como Emilia Elías, Matilde Cantos, que foi secretária de organização do Comitê Nacional de la AMA e inspetora geral de prisões, Trinidad Arroyo e Encarnación Fuyola; outras tinham estado na União de Dones de Catalunya, como Aurélia Pijoan e Dolores Bargalló. Elas empreenderam a reconstrução da organização no México, com o nome de Unión de Mujeres Españolas (UME).

Pouco antes, na França recém liberta, tinha-se celebrado o primeiro congresso geral da UME (Toulouse, 1946), presidido por Dolores Ibarruri; desde então, a UME do México, que conseguiu unir-se ao grupo Mariana Pineda, aparece vinculada à revista editada em Paris e a sua política.

Nos anos cinquenta, a UME centrava sua solidariedade no presídio de Segovia, onde se encontravam as presas mais politizadas, e o presídio de Burgos. A maioria dos prisioneiros que receberam ajuda (roupa de inverno para eles e suas famílias), deviam ser do PCE ou das Juventudes Socialistas Unificadas, como uma guerrilheira, Esperança, que tive a oportunidade de conhecer há pouco, presa em 1952 e encarcerada durante 15 anos.

A atividade da UME do México adquiriu maior força nos anos cinquenta e sessenta, uma época em que os exilados tiveram que se integrar em sua nova terra, depois de sofrer uma decepção com relação a uma rápida caída do regime franquista. Certamente estas mulheres viam as limitações para a política impostas pela distância em relação à Espanha, seu desterro no México e se dedicaram aos trabalhos de ajuda e solidariedade; primeiro para aqueles que lutavam contra o regime, os guerrilheiros e mais adiante para os que sofriam com a ditadura, os homens e mulheres presas. A simplicidade dos objetivos solidários da UME, em comparação com as grandes iniciativas políticas do exílio, permitiu que a organização sobrevivesse aos fracassos políticos deste longo desterro. Exílio que terminou em 1976, quando começam a desaparecer as condições que tornavam impossível o retorno à pátria.

Na atividade profissional, também se deve mencionar o trabalho, menos conhecido que o de seus homólogos masculinos, de intelectuais tão brilhantes como Margarita Nelken, que foi jornalista, crítica de arte e presidente do Patronato Pró-Presos do franquismo, de Isabel de Palencia e das escritoras

Silvia Mistral, Cecília Guilarte, Ana Muriá, Luisa Carnés, Mercedes Pinto e das artistas do exílio Remedios Varo, Elvira Gascón, Manuela Ballester, etc. Estas mulheres tiveram uma atividade mais visível que a maioria das exiladas, publicaram em jornais mexicanos, editaram livros de conteúdo autobiográfico ou de ficção e ensaio, mas mesmo assim, demoraram muitos anos para serem estudadas e reconhecidas.

Todas elas fazem parte da história de nosso país, mesmo sendo excluídas da história, por um longo tempo, e em muitos casos, o final do exílio chegou-lhes muito tarde.

Artigo aprovado em: 25/08/2009

Artigo recebido em: 20/06/2009